

Tempo, afeto e realidade

Caroline Carrion

Seis dias para um arco-íris é um projeto em andamento da artista brasileira Alessandra Duarte (1984, São Paulo) realizado ao longo dos 366 dias de 2016. A partir de pesquisas em sites de monitoramento e divulgação de crimes de motivação homofóbica e transfóbica cometidos no Brasil, a artista realiza uma pintura a óleo de pequenas dimensões por dia (15x18cm ou 16x22cm). Caso algum homicídio ocorra, um retrato em preto e branco da(s) vítima(s) é criado; se não houver nenhum registro de crime fatal, a pequena tela é ocupada por uma das cores da bandeira do movimento LGBTQ, sempre começando pelo vermelho. Para que haja progressão entre as cores e que a bandeira se complete, é preciso, portanto, seis dias sem assassinatos.

Linguagem e realidade

Uma das críticas recorrentes à chamada “arte política” (termo tão controverso quanto abrangente) baseia-se em uma concepção de arte ainda bastante ligada às vanguardas do início do século 20, de acordo com a qual toda verdadeira pesquisa artística seria primordialmente uma pesquisa de linguagem. A “arte engajada” pecaria assim por ser propagandística, por colocar uma finalidade à produção artística, a qual seria ontologicamente desinteressada (ignorando-se o fato de que a ideia de uma arte sem interesse algum para além de si mesma é, por si só, ideológica).

Em *Seis dias para um arco-íris*, a artista alia em igual medida a pesquisa de linguagem à motivação política. Alessandra atua politicamente ao conferir visibilidade a informações e vidas que, de outra forma, permaneceriam como um conhecimento restrito a um nicho – dores sentidas por amigos e familiares, perdas lamentadas pela comunidade. O aspecto estético é, no entanto, igualmente importante. Nos retratos, a agilidade do gesto remete simultaneamente ao desenho e à fugacidade da vida. Em dias bons, a pesquisa foca-se na cor, na busca do tom ideal para que a bandeira se complete.

Tessitura do visível

Podemos abordar o projeto *Seis dias para um arco-íris* a partir da relação entre suas partes e o todo. Há duas totalidades buscadas pela artista aqui: uma delas é composta pela soma dos dias de 2016; a outra, faz-se por seis dias sem assassinatos de motivação homofóbica ou transfóbica no Brasil. Poderíamos



pensar que essa segunda meta, a da criação da bandeira, seria menos ambiciosa e de fácil alcance, por ser curta – mas ela raras vezes é alcançada.

São os relatos individuais – atrelados a rostos que poderíamos reconhecer ou a nomes dos quais poderíamos ter ouvido falar – que possuem o poder de nos conectar com a totalidade. Estatísticas impressionam, singularidades comovem. O dia pode ser tomado como medida da vida; o indivíduo, como medida da sociedade; o calendário, como medida da história. São as partes – histórias, telas, vidas – que criam um corpo para o mundo. De sua dores e perdas, de seu ódio e preconceito, de ações e afetos inexprimíveis faz-se parte da matéria de nossos tempos.

Medida e duração

É um ato de cuidado – e, portanto, um ato político – que Alessandra dedique seu ano ao registro, transmutado em arte, daquilo que seria de outra forma mais um infográfico. Ao tempo que lhe toma cada pintura soma-se o tempo de maturação do desejo que a levou a conceber tal projeto; o tempo do projeto em si, seu corpo que cresce diariamente e a linguagem que nasce com ele; o tempo de cada vida infelizmente perdida, mas lembrada e registrada por ativistas e pela artista; o tempo histórico que culminou no fato de que o valor de uma vida possa estar atrelado à orientação sexual ou de gênero de um sujeito.

Foi Jorge Luis Borges (2001, p. 32) quem disse: “É notório que ao perguntarem a Whistler quanto tempo lhe fora necessário para pintar um de seus noturnos, ele respondeu: ‘A vida toda’”. O tempo é mais do que aquilo que pode ser cronometrado e capitalizado. Grosso modo, cada momento carrega em si a soma de todos os afetos que o precederam. Em Seis dias para um arco-íris, Alessandra Duarte registra seu dia de hoje – individual e histórico – enquanto lembra o daqueles que tiveram a infelicidade de terem sua vida terminada prematuramente.

Referência

BORGES, J. L. in SCHWARTZ, J. (org). Borges no Brasil. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2001.



